



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

A EDUCAÇÃO JESUÍTICA E O MÉTODO DE ENSINO *RATIO STUDIORUM*

Dalete de Souza Salles Borges

Márcia Regina do Nascimento Sambugari

UFMS/CPAN

RESUMO: Neste trabalho são tecidas reflexões acerca da colonização e do ensino jesuítico implementado no Brasil, a partir da pesquisa bibliográfica que centrou no estudo de obras e artigos que tratam da História do Brasil e a História da Educação. Aborda-se a história da chegada dos primeiros portugueses, e posteriormente a educação jesuítica observando quais eram os objetivos dos jesuítas inicialmente na qual estavam voltadas a dedicarem-se a catequização e a conversão dos gentios, dos colonos e outros membros da colônia, atingindo a formação da burguesia urbana, constituída, principalmente pelos filhos dos donos de engenho. O método *Ratio Studiorum* que teve grande influência na educação jesuítica, no qual apresentava trinta conjuntos de regras, tratava-se de um manual com indicações de responsabilidade, do desempenho, da subordinação e do relacionamento dos membros dos colégios da Companhia de Jesus de professores e alunos, sendo também um manual de organização e administração escolar. Estas normas ordenavam as instituições de ensino de uma única maneira, o *Ratio Studiorum* seria a base comum que serviria de suporte de trabalho dos jesuítas. Seus preceitos vão além de um simples método de estudo, queriam assegurar aquilo que entediam como “progresso de uma civilização”, atingindo valores e formas de comportamento de comprovada eficácia na vida de uma sociedade. Constatou-se com esse estudo que a educação dos jesuítas priorizava somente a elite da época excluindo mulheres, negros e pobres do sistema de ensino, tendo contribuído para o fortalecimento das estruturas de hierarquização dos privilégios para um pequeno grupo. Incutiram a ideia de exploração de uma classe sobre a outra e a escravidão como um caminho normal e necessário para o desenvolvimento, tendo a educação o papel de ajudar a perpetuar as desigualdades entre os grupos sociais.

PALAVRAS CHAVE: Jesuítas; formação escolar; *Ratio Studiorum*.

INTRODUÇÃO

Nossa sociedade foi marcada grandemente pela colonização portuguesa em que pessoas, costumes e a fé receberam grande influência. Os portugueses em busca de poder político e econômico chegaram a nosso país em 1500 deixando grandes marcas na nossa sociedade pela exploração do povo e das nossas riquezas.

O espírito aventureiro do povo português permitiu à burguesia comercial portuguesa ampliar seus mercados e riquezas, e à nobreza sedenta de terras desenvolver



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

novas tecnologias de navegação, construir suas caravelas, avançar oceano adentro e estruturar um império colonial.

Segundo Fausto (2002), trabalhando para a Espanha, um navegador genovês chegou à América. Os portugueses não viram com bons olhos essa notícia. Reuniram-se em Tordesilhas e em 1494, assinaram um tratado alterando o espaço de exploração, a partir desse tratado parte da terra do Brasil que ainda não tinha sido explorada pertenceriam a Portugal.

Em função de aumentarem o poder, os portugueses organizaram-se em uma expedição que saiu de Lisboa em nove de março de 1500, chegando em 22 de abril do mesmo ano. Quem estava sob o comando era Pedro Álvares Cabral, possuindo 13 navios e 1.500 pessoas entre soldados, tripulantes e religiosos.

Fausto (2002) enfatiza a chegada dos portugueses aqui, não sendo esse movimento um descobrimento.

[...] antes do chamado descobrimento aqui viviam outras pessoas, uma população ameríndia e, se considerarmos que o conceito de educação remeteu a uma abrangência incalculável; teremos necessariamente que considerar que antes da Companhia de Jesus, existiam outras educações, portanto, outras histórias da educação. “Quando os europeus chegaram à terra que viria a ser Brasil, encontraram uma população ameríndia bastante homogênea em termos culturais e linguísticos, distribuída ao longo da costa e na bacia dos Rios Paraná – Paraguai” (FAUSTO, 2002, p. 37, grifos do autor).

Para Cunha (1980) a colonização brasileira, constitui-se uma economia complementar da Metrópole.

Tal como outros países, Portugal pretendeu impor a exclusividade do comércio com as colônias, através de uma administração centralizada, mantendo forte controle fiscal sobre as operações internas e externas (CUNHA, 1980, p. 23).

Com as realizações das expansões marítimas e das colônias, em busca de ascensão uma nova classe busca outros caminhos para aumentarem e acumularem capital econômico. Para Cunha (1980):

[...] colonização aparece para “intensificar a acumulação (primitiva) de capital que acabaria por acelerar o processo de formação dos Estados nacionais centralizados e de emergência da economia capitalista, tendo na industrialização seu veio maior” (CUNHA, 1980, p. 19).



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Saviani (2013) assinala que Pedro Álvares Cabral, ao chegar no Brasil, encontrou um povo que já habitavam há séculos essa terra, viviam em comunidade e para sua alimentação faziam uso da pesca, caça coleta de frutos, plantavam alimentos como a mandioca e o milho. Nesse sentido essa população vivia com uma determinada forma de organização e a educação também estava presente nesses locais.

Com efeito, havia, ali, uma educação em ato, que se apoiava sobre três elementos básicos: a força da tradição, constituído como um saber puro orientador das ações e decisões dos homens; a força da ação, que configurava a educação como um verdadeiro aprender fazendo; e a força do exemplo, pelo qual cada indivíduo adulto e, particularmente, os velhos ficavam imbuídos da necessidade de considerar suas ações como modelares, expressando em seus comportamentos e palavras o conteúdo da tradição tribal. As ideias educacionais coincidiam, portanto, com a própria prática educativa, não havendo lugar para a mediação das ideias pedagógicas que supõem a necessidade de elaborar em pensamento as formas de intervenção na prática educativa. Nessas condições havia, pois, educação, mas não havia pedagogia (SAVIANI, 2013, p. 38-39).

A cultura era transmitida oralmente no contato direto com os outros, crianças e adultos, não existiam separações, aprendiam o que era necessário para sua sobrevivência, sendo transmitidas dos mais velhos para os mais novos suas tradições. Essa forma de organização não foi respeitada pelos europeus que aqui chegaram, trazendo seu modelo de educação, formas específicas de intervenção na prática educativa, o que Saviani (2013) chamou de “pedagogia brásílica”.

Em 1500 chegaram ao Brasil os primeiros portugueses, e conforme Saviani (2013), nesse ano o país entra para a história da chamada civilização ocidental e cristã. Essa chegada trouxe grandes mudanças na cultura e educação dos povos que aqui viviam, o Brasil foi colonizado deixando grandes marcas na política, cultura organização de sociedade e na educação do povo brasileiro.

A história da educação brasileira iniciou em 1549 quando os jesuítas chegaram ao país, sob o comando do Padre Manoel Nóbrega, que procurou criar hábitos para inserir no contexto indígena e assim manipulá-los.

Segundo Nunes (1992), nossa história da educação no Brasil colonial ficou dois séculos sob a incumbência da missão jesuítica fundada por Inácio de Loyola, na qual recebeu o nome de Companhia de Jesus. A instituição tinha um caráter ambíguo, domesticar os índios para aceitarem a dominação dos portugueses, e também se



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

colocavam a serviços da igreja com a missão de evangelizar e catequizar. A junção entre a coroa portuguesa e os jesuítas se manteve até o final do governo de D. João, com sua morte e a ascensão de D. José ao trono português essa união começou a apresentar rupturas e os rumos da educação começaram a mudar.

Quando analisamos a história da educação brasileira é necessário pontuar a educação católica, em específico, a participação dos padres jesuítas nesse processo, pois foram os mesmos os responsáveis pela educação do nosso país no período colonial. Para Ferreira JR (2010) não há como não considerar a influência e a importância da educação jesuítica para a educação atual, durante os estudos e ensino da história da Educação brasileira, ao preparar uma aula, ministrar palestra ou escrever um texto relacionada a essa temática, sempre suscitam reflexões acerca do período educacional originado no século XVI.

Destacamos que essa pesquisa, de cunho bibliográfico, buscou refletir acerca do modelo de educação, e considerando que a temática é vasta, pontuamos alguns fatos ocorridos na época. Portanto trouxemos algumas questões que consideramos mais relevantes no parâmetro educacional, a fim de colaborar no esclarecimento de fatos importantes e contextualizar a educação na época.

EDUCAÇÃO JESUÍTICA

Em 1534 na França foi fundada a companhia de Jesus, que pretendiam catequizar a população, para barrar o crescimento da Reforma Protestante e o crescimento do Luteranismo na Europa. Então no dia 27 de setembro foi aprovada pelo papa III a companhia de Jesus de 1540.

A Ordem dos Jesuítas não foi, entretanto, criada só com fins educacionais; ademais, parece que no começo não figuravam esses entre os propósitos, que eram antes a confissão, a pregação e a catequização. Seu recurso principal eram os chamados “exercícios espirituais”, que exerceram enorme influência anímica e religiosa ente os adultos. Todavia pouco apouco a educação ocupou um dos lugares mais importantes, senão mais importante, entre as atividades da Companhia. A Companhia, como se sabe, é composta de membros, que têm há um tempo, caráter regular e secular, são membros de uma ordem religiosa com estatutos e autoridades próprias e do mesmo passo são sacerdotes ordenados que exerçam todas as funções dos demais sacerdotes (LUZURIAGA, 1975, p. 118-119).



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Tentando impedir o avanço do protestantismo a Companhia de Jesus utilizou de meios para disseminar a fé católica convertendo os pagãos, os jesuítas chegaram ao Brasil impondo um sistema de ensino baseado no catolicismo.

Para entendermos como foi sendo implantada a educação jesuítica, precisamos conhecer à história da chegada dos primeiros portugueses e como foi sua organização para chegarem nessa terra, especificamente a atuação dos jesuítas com sua educação católica, quais foram os únicos responsáveis pela instrução em nosso país no período colonial.

A companhia de Jesus foi arquitetada por Inácio de Loyola, chegando ao Brasil nove anos depois da chegada das primeiras caravelas, sendo trazidos pelo Primeiro governador geral, Tomé de Souza vindo com seis missionários jesuítas, sob a chefia de Manoel de Nóbrega.

Quando os jesuítas chegaram ao Brasil, iniciou-se o processo de catequização, escolarização e aculturação dos indígenas, o processo educacional com colaboração dos jesuítas, conforme já mencionado deu início em março de 1549, quando chegaram os primeiros jesuítas perceberam que não seria possível ensinar a fé católica sem que os indígenas soubessem ler e escrever, juntamente com Tomé de Souza governador Geral, foi construída a Escola elementar brasileira em Salvador.

Ao difundir o projeto educacional, os portugueses também exploravam e se beneficiavam das riquezas do Brasil, sendo responsáveis também por um sistema administrativo, se beneficiando das terras indígenas.

Segundo Saviani (2013), em 1549 chegou ao Brasil o primeiro governador geral, trazendo com ele os primeiros padres jesuítas, composto por quatro padres e dois irmãos que estavam sendo chefiados por Manuel da Nóbrega. Vieram com a missão que converter os índios a fé católica. Para poder cumprir esse objetivo os jesuítas foram criando colégios e seminários em várias regiões do país.

No início Brasil colônia, a coroa Portuguesa, ligada ao sistema mercantilista, tendo seus interesses voltados para produção de riquezas, precisou de meios e homens para dar início a exploração que buscava a expansão colonial. “[...] aumentava as responsabilidades atribuídas à Companhia de Jesus, uma vez que a ela cabia a significativa responsabilidade da aculturação sistemática dos nativos pela fé católica, pela catequese e pela instrução” (ROCHA, 2010, p. 33).



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Segundo Ferreira Jr. (2010) é impossível negar a influência da educação jesuítica para nossa educação atual, pois quando falamos da história da educação brasileira, sempre suscitam reflexões acerca do contexto educacional originado no século XVI.

A atuação educacional dos jesuítas com os indígenas ampliou as fronteiras da Coroa Portuguesa e produziu mão de obra necessária, com o apoio dos colonizadores. O processo educacional esteve em conjunto ao processo de aculturação.

MÉTODO EDUCACIONAL JESUÍTICO – O *RATIO STUDIORUM*

O *Ratio Studiorum* foi um método de ensino criado por Inácio de Loyola para direcionar as ações educativas dos padres jesuítas, nas atividades educacionais, na colônia e na metrópole. Era uma coletânea de regras e prescrições práticas minuciosas que deveriam ser seguidas pelos padres jesuítas.

O *Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Jesus*, mais conhecido pela denominação de *Ratio Studiorum*, foi o método de ensino, que estabelecia o currículo, a orientação e a administração do sistema educacional a ser seguido, instituído por Inácio de Loyola para direcionar todas as ações educacionais dos padres jesuítas em suas atividades educacionais, tanto na colônia quanto na metrópole, ou seja, em qualquer localidade onde os jesuítas desempenhassem suas atividades. O *Ratio Studiorum* não era um tratado sistematizado de pedagogia, mas sim uma coletânea de regras e prescrições práticas e minuciosas a serem seguidas pelos padres jesuítas em suas aulas. Portanto, era um manual prático e sistematizado que apresentava ao professor a metodologia de ensino a ser utilizada em suas aulas.

Conforme Ribeiro (1998), no Brasil os jesuítas conceberam um plano de estudo, tomando por base o *Ratio Studiorum*, ou seja, um plano de estudos, buscando atender a diversidade de interesses e capacidades. Iniciavam pelo aprendizado da língua portuguesa, incluindo a doutrina cristã, a escola de ler e escrever, posteriormente continuava em caráter opcional, o ensino orfeônico e de música instrumental, e uma bifurcação tendo em um dos lados, o aprendizado profissional e agrícola e, de outro, aula de gramática e viagem de estudos a Europa.

Saviani (2013) assinala que durante o período da missão jesuítica no Brasil, a Companhia de Jesus iniciou a elaboração de um plano de estudos a ser implantado nos



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

colégios da Ordem em todo mundo, o qual ficou conhecido com *Ratio Studiorum*. Fundamentava-se por um método padronizado, responsável pela sistematização do ensino, sendo o primeiro sistema organizado de educação católica que previa um currículo único para os estudos, sendo dividido em graus, propunha uma educação integral do homem e pressupunha o domínio das técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo.

O plano de estudos foi constituído:

[...] por um conjunto de regras cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino. Começava pelas regras do provincial, passava pelas do reitor, do prefeito de estudos, dos professores de modo geral e de cada matéria de ensino, chegava às regras da prova escrita, da distribuição de prêmios, do bedel, dos alunos e concluía com as regras das diversas academias (SAVIANI, 2013, p. 55).

Entendemos que o *Ratio Studiorum*, quando efetuado no Brasil, foi adaptado para atender as necessidades específicas encontradas na colônia.

Para Saviani (2013), a educação colonial no Brasil foi marcada por fases distintas, a primeira fase foi elaborada por Manoel de Nóbrega.

O plano iniciava-se com o aprendizado do português (para os indígenas); prosseguia com a doutrina cristã, a escola de ler e escrever e, opcionalmente, canto orfeônico e música instrumental; e culminava, de um lado, com o aprendizado profissional e agrícola e, de outro lado, com a gramática latina para aqueles que se destinavam à realização de estudos superiores na Europa (Universidade de Coimbra). Esse plano não deixava de conter uma preocupação realista, procurando levar em conta as condições específicas da colônia. Contudo, sua aplicação foi precária, tendo cedo encontrado oposição no interior da própria Ordem jesuítica, sendo finalmente suplantado pelo plano geral de estudos organizado pela Companhia de Jesus e consubstanciado no *Ratio Studiorum* (SAVIANI, 2013, p. 43).

A segunda fase que vai de 1570 até 1759 foi marcada pela organização e consolidação da organização jesuítica que estava centrada no *Ratio Studiorum*. O Plano do *Ratio Studiorum* era elitista, destinando-se aos filhos dos colonos, não sendo permitindo aos indígenas e negros; universalista, já que deveria ser adotado por todos os jesuítas independente do lugar no qual estivessem. O plano iniciava-se com o curso de humanidades e continuava com os cursos de filosofia e teologia, posteriormente os filhos da elite iam para Europa.



IV Congresso de Educação do CPAN

III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN

'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

O plano contido no *Ratio* era de caráter universalista e elitista. Universalista porque se tratava de um plano adotado indistintamente por todos os jesuítas, qualquer que fosse o lugar onde estivessem. Elitista porque acabou destinando-se aos filhos dos colonos e excluindo os indígenas, com que os colégios jesuítas se converteram no instrumento de formação da elite colonial. Por isso os estágios iniciais previstos no Plano de Nóbrega (aprendizado de português e escola de ler e escrever) foram suprimidos. O novo Plano começava com o curso de humanidades. Denominado no *Ratio* de “estudos inferiores”, correspondentes ao atual curso de nível médio. Seu currículo abrangia cinco classes ou disciplinas: retórica; humanidades; gramática superior; gramática média; e gramática inferior. A formação prosseguia com os cursos de filosofia e teologia, chamados de “estudos superiores”. O currículo filosófico era previsto para a duração de três anos, com as seguintes classes ou disciplinas: 1º ano: lógica e introdução às ciências; 2º ano: cosmologia, psicologia, física e matemática; 3º ano: psicologia, metafísica e filosofia moral. O currículo teológico tinha a duração de quatro anos, estudando-se teologia escolástica ao longo dos quatro anos; teologia moral durante dois anos; Sagradas Escrituras também por dois anos; e língua hebraica durante um ano (SAVIANI, 2013, p. 56-57).

O *Ratio Studiorum* foi muito importante no desenvolvimento da educação moderna, contribuindo grandemente para formação de um plano de estudos. O *Ratio* auxiliou na atuação dos jesuítas, direcionando o percurso para que a aprendizagem ocorresse de forma eficaz, sendo que sua oficialização ocorreu no ano de 1599.

Segundo Franca (1952), o *Ratio Studiorum* passou por algumas análises, sofrendo críticas e sugestões. Posteriormente foi aprovada sua versão definitiva em 1599, que, na visão do autor, plano não foi obra de um único homem, mas uma experiência única e importante na história da Pedagogia. O plano consistia em especificações e determinações práticas que deveriam guiar cuidadosamente as aulas dos padres jesuítas, um manual apresentando para o professor qual a metodologia que deveria ser utilizar em suas aulas.

O autor apresenta ainda que o *Ratio Studiorum* era um manual no qual continha 467 regras que orientava os métodos de ensino e como os professores deveriam organizar suas aulas. Conforme Saviani (2013), elas estavam divididas em:

- A) Regras do provincial, em número de 40.
- B) Regras do reitor (24).
- C) Regras do prefeito de estudos superiores (30).
- D) Regras comuns a todos os professores das faculdades (20).
- E) Regras particulares dos professores das faculdades superiores, num total de 49, assim distribuídas: a) Regras do



IV Congresso de Educação do CPAN

III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN

'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

- professor de escritura (20); b) Regras do professor hebreu (5); c) Regras do professor de teologia (14); Regras do professor moral, isto é, de casos de consciência (10).
- F) Regras do professor de filosofia, num total de 27, a saber: a) Regras do professor de filosofia (20); b) Regras de filosofia moral (4); Regras do professor de matemática (3).
- G) Regras do prefeito de estudos inferiores (50).
- H) Regras dos exames escritos (11).
- I) Normas para a distribuição de prêmios (13).
- J) Regras comuns aos professores das classes inferiores (50).
- K) Regras particulares dos professores das classes inferiores (59); a) Regras do professor de retórica (20); b) Regras do professor de humanidades (10); c) Regras do professor de gramática superior; d) Regras do professor de gramática média (10); e) Regras do professor de gramática inferior (9).
- L) Regras dos estudantes da Companhia (11).
- M) Regras dos que repetem a teologia (14).
- N) Regras do bedel (7).
- O) Regras dos estudantes externos (15).
- P) Regras das academias, num total de 47, assim distribuída: a) Regras gerais (12); b) Regras do prefeito (5); c) Regras da Academia de Teologia e Filosofia (11); d) Regras do prefeito da Academia de Teologia e Filósofos (4); e) Regras da Academia de Retórica e Humanidades (7); f) Regras da Academia dos Gramáticos (8) (SAVIANI, 2013,P. 54).

A Companhia de Jesus encerrou suas atividades na Colônia Brasileira no ano de 1759, através do Decreto de 3 de setembro de 1759, no qual foi promulgado pelo Rei D. José, assim Marquês de Pombal expulsou a Companhia de Jesus, apreendendo para a coroa portuguesa todos os bens que os jesuítas foram adquiridos enquanto eram os únicos responsáveis pela transmissão da educação no Brasil.

Quando Marquês de Pombal assinou o decreto havia no Brasil 670 membros da Companhia de Jesus, entre eles noviços e estudantes, sendo levados para Portugal 417, os que ainda não haviam recebido ordens ou noviços foram persuadidos a deixarem a ordem religiosa.

Os jesuítas permaneceram com os únicos educadores no Brasil por 210 anos, organizaram um sistema de ensino fundados na propagação da religião e da cultura europeia, ampliando seus colégios e seminário pelo Brasil, a cultura e a educação da população indígena foram aos poucos sendo substituída pelo modelo que os jesuítas trouxeram.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

OS JESUÍTAS E A IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Os jesuítas implementaram duas categorias de ensino no Brasil, a instrução simples primária, as escolas de primeiras letras para os filhos dos portugueses e dos índios, e a educação média, colégios destinados a meninos brancos que formavam mestres em artes e bacharéis em letras. Essa organização vai determinar os graus de acesso as letras, uns mais e outros menos. Podemos perceber que era proibido o acesso da criança negra até mesmo livre.

Como podemos observar, inicialmente os jesuítas dedicaram-se a catequizar e converter os gentios à fé católica, posteriormente começaram a dedicar-se ao ensino dos filhos dos colonos e outros membros da colônia, por último a formação da burguesia urbana, que era formada pelos filhos dos donos de engenho. Quando concluíam essa fase do ensino no país, os que tinham posses seguiam para estudar na Universidade de Coimbra, influenciando a sociedade burguesa.

Assim, os padres acabaram ministrando, em princípio, educação elementar para a população índia e branca em geral (salvo mulheres), educação média para os homens das classes dominantes, parte da qual continuou nos colégios preparando-se para o ingresso na classe sacerdotal, e educação superior só para esta última. A parte da população escolar que não seguia a carreira eclesiástica encaminhava-se para a Europa, a fim de completar os estudos, principalmente na Universidade de Coimbra, de onde deviam voltar os letrados (ROMANELLI, 1987, p. 35).

Para Veiga (2008), esse tipo de estrutura que os jesuítas implantaram no Brasil era inadequado para a população que aqui viviam, principalmente a pobre e de cultura heterogênea, deixando mais visível a divisão de classe.

Os jesuítas em seus ensinamentos ajustavam a catequese e a aprendizagem dos seus trabalhos, esse processo era realizado com uma divisão social, a catequese atendia os indígenas, que era realizada nas aldeias e a educação para a elite, ensinadas nos colégios religiosos.

Percebemos que desde o seu surgimento o ensino dos jesuítas não se preocupava realmente com os povos que aqui habitavam, mas era somente de atender a coroa portuguesa, tanto que não respeitaram o processo no qual os indígenas viviam, as escolas que foram sendo implantadas durante o período jesuítico não têm registro de negros e pobres frequentando esses espaços.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Apesar dos avanços hoje ainda encontramos grande dificuldades para que as camadas mais baixas da sociedade, entre eles pobres, negros e os indígenas, frequentem as escolas e principalmente que cheguem as universidades públicas.

Segundo Almeida (2014) os jesuítas deixaram para nossa sociedade modelos de colégios organizados em rede, um método pedagógico e um currículo comum. Mesmo que o processo que colonização tinha como fator principal a colonização, como uma forma de impor a cultura europeia os indígenas e exercer o domínio sobre eles, a educação no Brasil desenvolveu para atender a necessidade da sociedade da época, ou seja, a elite.

O contexto socioeconômico no Brasil na época baseava-se no modelo mercantilista, exploração da mão de obra escrava. O papel da educação era de fortalecer a visão do colonizador, sendo assim a catequese e a educação da elite os principais objetivos dos jesuítas.

Conforme Ferreira Jr. (2010), iniciando com os jesuítas até Pombal a educação no Brasil teve sua marca centrada na formação de uma elite dirigente da sociedade da colônia. Entretanto, a organização escolar tinha o perfil de insatisfatório tanto em qualidade quanto em quantidade, sendo o seu currículo humanista, de conteúdo literário nos moldes europeus, tendo como objetivo manter uma sociedade coesa.

Para Rocha (2010), a educação estava baseada em um mundo perfeito, com essa visão, cada um recebia o que era da vontade divina, sendo assim a educação pertenciam aqueles que sabiam usufruir delas, nobreza e a nata da burguesia para continuar o seu papel na sociedade. Ainda para a autora, o que mais marcou o trabalho dos jesuítas foi na formação das elites e das lideranças da sociedade colonial, para que a cultura da fé católica fosse garantida.

Entendemos que uma sociedade que se baseava na escravatura e converter os índios a fé católica, só poderia atender aos interesses da camada mais alta da população, portanto os jesuítas basearam seu método de ensino para aqueles que detinham o poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a história da educação no período jesuítico é importante para entendermos como foi sendo constituído o primeiro passo para uma educação formal, quais características que marcaram esse momento e as mudanças que ocorreram.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

Podemos observar que a chegada dos jesuítas marcou grandemente nosso modelo de educação, quando chegaram desconsideraram o modelo de organização e transmissão dos conhecimentos que os indígenas viviam durante décadas, negando suas crenças e valores, impuseram seu modelo educacional que se baseava no catolicismo.

Buscava atender somente aos interesses das camadas mais altas da população, para os índios, o ensino era voltado para fé católica, para os negros não viam a necessidade de uma educação formal, pois eram a mão de obra de um trabalho escravo que atendia aos colonos e para as mulheres não havia nem a preocupação, já que deveriam se preocupar somente com os serviços domésticos.

Os jesuítas deixaram um legado de colégios organizados em rede, um método pedagógico e um currículo comum. Entretanto o processo de colonização atuou como uma ferramenta de imposição cultural aos índios, exercendo o domínio sobre eles, por meio da Companhia de Jesus que a educação brasileira se desenvolveu, atendendo às necessidade da sociedade, dedicando-se a educar a elite também sendo responsável pela imposição da cultura europeia, disseminando pelos colégios e igrejas.

Ainda hoje temos uma educação que não atende as minorias, valoriza a meritocracia, não respeita os contextos que alunos vivem. E, mesmo oriundos de situações diferentes, alguns ainda estão fora das escolas, ou seja, mesmo depois de muitos anos, ainda presenciamos essas situações.

Apesar de termos avançando muito, a educação, ainda não é prioridade, apresenta-se com fins políticos, ligadas ao interesse do Estado, que infelizmente direcionam de acordo com a política vigente. O sistema educacional mesmo que de forma dissimulada, não se comprometem em desenvolver uma educação de qualidade, mas sim o controle e domínio cultura, usada como forma de dominação e manipulação das massas populares.

Depois de alguns séculos de colonização e educação jesuíta, ainda presenciamos vestígios de uma educação voltada para a elite, que ainda exclui os mais pobres, desvaloriza os professores, com lugares inapropriados para muitas crianças estudarem, e somente aqueles com maior poder aquisitivo frequentam boas escolas e alcançam postos mais altos na sociedade.



IV Congresso de Educação do CPAN
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wilson Ricardo Antoniassi. A Educação Jesuítica no Brasil e o seu Legado Para a Educação da Atualidade. **Revista Grifos**, n. 36/37- 2014.

CUNHA, Luiz Antonio. **A universidade temporã**: o ensino superior da colônia à era de Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 2002.

FERREIRA, Jr. Amarílio. **História da Educação brasileira**: da colônia ao século XX. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 7. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

NUNES, Clarice. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. **Teoria e Educação**, n. 06, Porto Alegre, 1992.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 15. ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

ROCHA, Maria Aparecida dos Santos. A educação pública antes da independência. In: Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. Caderno de Formação: Formação de Professores. Educação, Cultura e Desenvolvimento. História da Educação Brasileira. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 32-47, v. 1.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1987.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

VEIGA, Cynthia Greive. Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 502-516, set./dez. 2008.